

Ave Maria

REVISTA SEMANAL CATHOLICA E ILLUSTRADA
SÃO PAULO, 9 JUNHO DE 1917



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : RUA JAGUARIBE, 73
Caixa, 615—Telephone, 13-04—S. PAULO

ORGAN NO BRASIL DA ARCHICONFRARIA
DO I. CORAÇÃO DE MARIA, REDIGIDA PE-
LOS MISSIONARIOS FILHOS DO MESMO
IMMACULADO CORAÇÃO



ASSIGNATURAS :

ANNO. 5\$000
PERPETUA. 80\$000
PAGAMENTO ADEANTADO

ANNO XX

NUMERO 23

MARIA SANTISSIMA E A INSTITUIÇÃO DA EUCHARISTIA



INSINAM OS THEOLOGOS SER a instituição dos Sacramentos o complemento da sublime e divina obra da Redempção. Nelles está contida sua sobrenatural virtude e por elles applica-se aos remidos. Esta é a razão do apreço e veneração com que foram e são considerados pela Igreja.

Jesus Christo na sua instituição agiu como soberano Senhor ; não pediu conselho, nem o precisava, não deu explicações, que a ninguem as devia. Os theologos é que estudando-os em si e em suas relações descobrem e admiram suas harmonias, expondo-as em livros bellissimos, cuja leitura seria incomparavelmente mais util para os catholicos que a de novellas e poesias.

Entre os sacramentos ha mysteriosa concatenação, ordenando-se todos a um que é o centro, o sol da vida divina, a Eucharistia ; em sua instituição Jesus Christo empregou uma riqueza de detalhes que não teve na dos outros.

A piedade catholica encontra na relação do Evangelho ácerca deste assumpto pabulo sufficiente para sua edificação, todavia o ar ante de Maria quer penetrar nas intimidades da alma de Jesus, e pergunta, dar-nos-hia o Salvador o corpo e sangue que recebeu de Maria sem ter o seu consentimento ? teria a celestial Senhora alguma participação na instituição do SS. Sacramento ? E seguindo escriptores piedosos e illustrados podemos responder que a teve, e principalissima.

E' de fé que por Maria foi-nos dado Jesus. E' ella o paraíso em que nasceu e cresceu a arvore de vida. Todos os bons christãos sabem e

confessam muitas vezes ao dia que Maria é Mãe de Deus. Mas dizem alguns Santos Padres que o dom que começou dar-nos pela Encarnação o completa dando-nos a Jesus na Eucharistia.

A Virgem Mãe teve direitos dados pela natureza e reconhecidos por Deus sobre a humanidade do Salvador, quem reconheceu-os tambem estando-lhe sujeito e obediente por toda sua vida mortal.

Sendo isto assim, seria conveniente que Jesus dispuzesse tão plenamente de sua pessoa, sem primeiro-pedir o consentimento de sua mãe ? Elle que não quiz encarnar-se em seu virginal seio sem antes obter seu beneplacito, havia de querer unir-se tão intimamente com quantos commungam dando-lhes o corpo e sangue tomado da Senhora sem sua aquiescencia ?

Podia fazel-o, não ha duvida, e Maria não se queixaria de seu Filho si o fizesse sem falar-lhe ; mas o Filho Deus o faria ? Elle que é a mesma Justiça não agiria passando por sobre o direito de outrem, e assim podemos presumir que exporia a sua Mãe o designio que formara de dar-se em manjar aos homens ; e ella que heroicamente deu o beneplacito para que fosse immolado e sacrificado, daria-o outrosim para que se desse em alimento.

Deus que constituiria a Maria dispensadora das graças da Redempção, prescindiria della na mais copiosa e fonte de todas as outras, a Santissima Eucharistia ? Não é de crer, antes o mais logico é que lhe desse grande participação na obra mais divina, completando e coroando por ella o dom que nos fez na Encarnação e no Calvario.

Até aqui falamos dos argumentos em que a razão apoia sua crença, o coração suspeita outros motivos não menos fortes.

Nunca houve dois seres que mais se amassem que Jesus e Maria; o amor exige a união dos que se amam, pois como havia de soffrer Jesus estar separado de sua Mãe, quando chegasse a hora de subir aos céos? O bem da Igreja pedia que Maria ficasse entre os fiéis; que annos de amargura teriam sido para ella sem a companhia de seu Amado Jesus! Para evitar-lhe esta magoa é que determinou ficar corporalmente presente na Eucharistia.

Por ti, disse Deus a Santa Thereza, crearia o mundo si já não o tivesse creado, e podemos pensar que Jesus diria a Maria: por ti, mãe amadissima, ficarei na terra quando tornar ao céo! E por este divino sacramento a alma, o coração e o mesmo corpo de mãe e do filho estiveram sempre unidos e identificados. Oh! quem poderá fazer idea do fervor e amor com que a Virgem Immaculada receberia em seu peito a quem por nove mezes levou no seio e a quem innumeradas vezes estreitou nos braços! Houve artistas christãos que intentaram reproduzir na tela Maria recebendo a Communhão de mãos de S. João, mas todo quadro resulta frio e incoloro deante do que seria a realidade.

Dirá alguém, mas não foi pela Igreja, por todos seus escolhidos que Jesus Christo instituiu os sacramentos? Certamente; e quem depois de Jesus é a parte principal e mais excellente da Igreja? Não é Maria SS? Mais gloria deu ella a Deus recebendo a Santa Communhão, que todos os christãos; maior proveito ella reportou da recepção deste sacramento que todas as almas boas; pelas virtudes de que estava ornada, pela excellencia e dignidade de sua singular personalidade, merecia ella mais do que todos as creaturas junctas esta serprehendente manifestação do amor divino, que é a Eucharistia.

Em quasi todos os sanctos brilharam unidas a devoção ao Sacramento do Amor e á Mãe do Amor Formoso, e na historia das associações marianas vai tambem unida a pratica em honra de Maria com a Communhão em suas festas; união que tem explicação natural.

E' geral a opinião dos theologos de que o Salvador jamais perdeu a primeira substancia recebida no seio de Maria, antes conservou-a em vida, conserva-a agora no céo e da-nol-a na Sagrada Eucharistia. Verdade é que segundo os phisilogos no organismo humano ha uma constante renovação de elementos, mas esta renovação não se deu no organismo santissimo de Jesus.

A fé nada diz a este respeito, os Santos Padres e Doutores, porem, concordam nesta opinião tão honrosa para Maria, tão consoladora para nós. Ouçamos um unico mas eloquentissimo testemunho, é de Sto. Agostinho que diz "Caro Christi quamvis gloria resurrectionis magnificata, eadem tamen mansit quæ suscepta est." A Carne de Christo, glorificada embora na resurreição, permaneceu a mesma que tomou: e num sermão o mesmo Santo disse "De carne Mariæ carnem accepit, et ipsam carnem Mariæ nobis manducandam ad salutem dedit." Jesus tomou carne da carne de Maria e deu-nos em alimento a mesma carne de Maria.

Consideração que enchia de alegria a Sto. Ignacio que ás vezes exclamava; Filho e Mãe são naturalmente uma mesma carne e um mesmo sangue; quem do Filho se approxima santamente unindo-se-Lhe na Communhão, une-se com a Mãe; e é assim, devotos de Maria, que comendo a carne de Jesus e bebendo seu sangue, comemos a carne e bebemos o sangue de Maria, transformada, deificada em Jesus.

Oh! esta consideração deve fazer-nos immensamente reconhecidos a Maria Santissima pela bondade e generosidade com que dando-nos seu divino Filho na Eucharistia, se nos dá a si mesma, e deve tambem servir-nos de estímulo para commungarmos frequente e santamente.

E' tão doce a companhia de Jesus e de Maria! Pois commungando a conseguiremos e commungando santamente podemos esperar que essa companhia seja eterna nos céos.

P. L.

Educação e Educadores

XI

Geração moral

A educação é uma geração, emquanto eleva a um grande aperfeiçoamento superior, dentro do genero proprio, a faculdade que se estimula e dirige para suas funções normaes.

Si a educação é geração, presuppõe gestação, isto é, preparação e actividade vital.

Claro é que não é educação todo acto vital, embora toda educação ha de ser forçosamente vital, pois é perfeição por meio dum princípio activo na serie respectiva da vida.

A vida envolve a noção dum exercício *inteiro e immanente*, isto é, parte do sujeito e termina nelle.

Esta operação *immanente* condiciona, de accordo com Suarez, tres realidades, isto é, que o principio de operação reside no vivente, o effeito é devolvido ao vivente e forma a perfeição do vivente que se julga sufficiente, e sem mendigar *capitales* extranhos, sente-se feliz e rico.

Quando se affirma que a educação é acto vital, entende-se dos actos esclarecidos ou dirigidos conscientemente para a perfeição respectiva, embora o acto vital em si mesmo considerado se realiza-se espontaneamente ou sem acção livre.

Entende-se mais ainda por esta declaração de ser a educação um acto vital, isto é, que a educação ha de guardar os limites biologicos, as balizas naturaes do genero proprio da vida que se aperfeiçoa.

A vida pode ser vegetativa, sensitiva, racional, moral e religiosa.

Nesta hypothese dizemos que para educar é mister *despertar e dirigir* a vida, conforme seja ella.

O segredo para bem morrer

A boa vida é o segredo infallível para alcançar-se boa morte, e outrossim, o pensar-se frequentemente na morte é um segredo infallível para a pessoa viver bem.

Não é atôa que todos os santos, melhores philosophos do que pensa o mundo, consideram como o melhor livro de meditação a triste caveira.

Na ossada humana se aprende o que nenhum livro da terra pôde ensinar.

Ahi se ensina que o corpo nada é, e a alma é o tudo do homem; que a misera vida da terra é uma passagem rapidissima, ao passo, que depois da morte, a outra vida nunca acaba.

Ahi se vê que as riquezas, a sciencia sem Deus, a posição social, os amores terrenos, as galas e a belleza humana, tudo não passa de fumaça, tudo é vaidade, e vaidade das vaidades.

A triste caveira ensina mais que acima de todos os calculos da prudencia humana e sobre todas as sentenças da sabedoria a mais alta, está aquella divina sentença de nosso Bemdito Salvador: *De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se elle perder a alma?*

Por mais voltas que se dê, o resultado é sempre igual, logico, mathematico: se eu me perder, tudo está perdido, mas se eu me salvar, tudo terei salvo.

Para acertar pois, com o segredo de bem morrer, aprende, ó leitor, o segredo de bem viver, e o meio melhor para bem viver, é que faças todos os actos, planejes tudo, resolves todas as difficuldades, tendo sempre presente a lembrança da morte.

Não só has de morrer, mas já estás morrendo, nos dias que vão passando, e pouco a pouco, caminhas para a sepultura.

Os dias já passados, os negocios já feitos, os trabalhos terminados, os prazeres que já gozaste, a festa que fizeste, são como partes de teu proprio ser, que já viste terminar, e que ante teus proprios olhos já deixaram de existir.

Ha poucos annos eras menino; hontem eras ainda moço; aquelle menino e aquelle moço, já se acabaram; eras tu, já morto como menino e como moço!

Quantas cousas amaste e acariciaste em tua vida, que já não existem senão em tua lembrança, quasi apagada! quantos amigos! quantos parentes eram quasi uma parte de teu proprio ser!

Talvez julgasses a existencia impossivel sem elles!

Já morreram; foram elles, na verdade, os que morreram, mas não verdade, que com elles, murcharam as mais bellas flôres de teu coração?

O que és pois, no meio de tua vida, senão um triste cadaver, já meio enterrado?

Morrendo qu tidianamente, se aprende a viver, como Deus manda, e vivendo como Deus manda, consegue-se bem morrer.

A gente viver, pensando nunca morrer, é um caminho seguro da condemnação; viver-se cada dia, como se aquelle dia devera ser o da morte, é uma norma segura para a salvação.

Levanta-te, pela manhã, como duvidando se chegarás á noite, e deita-te, temendo não chegar ao dia seguinte.

Não te causa terror a morte repentina? não tremes quando lês, que fulano de tal cahio morto, no meio da estrada, de repente; sicrano, foi assassinado; um outro, foi encontrado morto, na cama?

Horriavel, é, na verdade, viver, sem pensar no ultimo fim, e encontrar-se, subitamente, com todos seus peccados e miserias, tremendo de medo e envergonhado, ante o Supremo Juiz.

Ouve, para teu consolo, uma reflexão: só a uma pessoa foi prometido não morrer de morte fulminante: essa é aquella que a todas as horas pensa na morte.

Formaram-se sociedades de seguro sobre a vida: eu proponho aos que desejam bem morrer, uma como garantia de segurança para a morte: é morrer, cada dia, em seus affectos peccaminosos, e assim evitarão as terriveis e inesperadas surpresas.

Disse o Senhor: *Se o homem soubesse a que horas o ladrão viria roubar, estaria attento e em guarda e não consentiria, que lhe forçassem a casa.*

Desperta pois e põe o ouvido attento: o ladrão astuto está forçando tua porta a cada momento, e vai te dar o assalto, sem demora.

Embora elle te furte tudo, fortuna, saúde, prazeres, roupa, tudo enfim, ao menos deixe a tua alma em teu poder, e salva da morte eterna, porque essa é a unica joia de verdadeiro valor.

Expurias, tua fortuna a tão arriscadas contingencias?

Porque então assim expões a tua alma?

Se a perderes, com que thesouros a poderás comprar de novo?

Procura ser bom calculista, tu que calculas os menores ganhos em teus negocios humanos.

DR. FELIX SARDÁ

Dinheiro de S. Pedro

Donativos semanaes

Somma anterior	381\$600
Recolhido no sabbado	3\$500
Administração da «Ave Maria»	\$500
Missionarios do Coração de Maria, em S. Paulo	\$500
Exmo. Sr. Barão do Amaral	1\$000

Donativos extraordinarios

D. Yayá Maciel — Sta. Anna do Livramento	3\$000
Total	390\$100

A LEI DE DEUS

NONO MANDAMENTO

NÃO DESEJARA'S A MULHER DE TEU PROXIMO

LENDA NONA

AS TRES MÃES

— Bom dia tenha vossemecê, snr. Francisco, disse Casta, um tanto encarnada.

— Olá, estavas ahí, filha? exclamou o velho, como admirado; que te estava dizendo o meu Galhardo?

— Que a amava, pai, respondeu João.

— Devéras? E Casta que te disse?

— Que me queria muito.

— Pois, filho, é ir procurar o snr. Cura; o que tem de ser, faça-se quanto antes.

— Mas a snr^a. Agostinha e o snr. Simão? perguntou o filho.

— E a snr^a. Estephania querer-me-ha por filha? observou Casta, com timidez.

— Vamos por partes, disse o velho; Simão e Agostinha dar-me-hão Casta esta noite; quer dizer, hão-de annuir a que te cases com ella dentro de quinze dias: tu, Casta, sabes que Estephania te deseja para filha desde os teus primeiros annos, quando fazias meia, penteavas tua mãe, e davas de comer ás gallinhas, e varrias a casa e limpavas o pó com tanto cuidado: honrada, laboriosa, amavel, e linda como uma perola, serás a benção da minha casa e a felicidade de meu filho. Eia, Galhardo, ao campo, que é tarde, e temos de voltar cedo, para irmos pedir Casta a seus paes.

E o snr. Francisco poz-se em marcha, seguido de seu filho, que não cessava de voltar a cabeça, para vêr Casta, em quanto lhe foi possível alcança-la com a vista.

Quando desapareceram, Casta, transbordando de alegria, pegou no seu cantaro e tomou o caminho de casa.

— Muito te demoraste, filha! exclamou ao vê-la a boa Agostinha, que estava arranjando o almoço.

— Estive a conversar com o snr. Francisco e com seu filho, mãe, respondeu Casta.

— Aonde?

— Na fonte, quando se dirigiam ao campo.

— E que disseram?

— Que a noite vem cá.

— Está bom, está bom; põe a mesa para o almoço, disse a snr^a. Agostinha, sahindo em busca de seu marido, que estava no celleiro.

— Simão! Simão! gritou a boa mulher; mata um coelho, dous capões e um perú; tira uvas, arroze, queijo e fructas sêccas! Corre!

— Porém, mulher, porque é tanto espalhato? perguntou Simão, surprehendido.

— Hontem disse-me Estephania: Olha, Agostinha, não póde já tardar o dia em que o meu Francisco tem ir pedir-vos a tua Casta; e n'essa

noite havemos de ter todos juntos uma grande ceia.

— Que mais?

— Ha pouco encontrou Casta o pai e o filho, e disseram que os esperassem esta noite.

— Mas, virão para nos vêr, mulher, e nada mais, respondeu o snr. Simão.

— Não creias: domingo passado, á missa do dia, disse-me Francisco:—Comadre, já não volto a sua casa senão quando fôr pedir-lhe a sua filha para o meu Galhardo.—Então perguntei-lhe:—Compadre, e quando espera fazel-o?—E respondeu-me:—Quando meu filho me diga com a bocca o que eu já advinhei ha muito.

II

N'aquella mesma noite apresentaram-se a pedir a mão de Casta o snr. Francisco, sua esposa, a boa Estephania, que estimava a sua futura nora como a uma verdadeira filha, e João, que desejou acompanhá-los.

Depois de feita e concedida a petição com toda a formalidade, passou-se a tratar de interesses. Ajustaram que os noivos iriam viver com o snr. Francisco e a snr^a. Estephania, mas que aos domingos jantariam todos juntos. A snr^a. Agostinha deplorou vivamente ter de separar-se de sua filha; porém, como as casas eram na mesma rua, muito estreita por certo, e uma defronte da outra, consolou-se com a esperança de vêr Casta com frequencia.

João devia cuidar da fazenda de seu pai e da de seu sogro, e ajudar a ambos: seu pai cedia-lhe metade da sua, e Simão dava a Casta igual parte da que lhe pertencia. D'este modo, as tres fazendas constituíam tres fortunas, que, por fallecimento dos paes, deviam formar uma casa assás forte para Casta e João.

Depois de se concluirem todos estes ajustes com a formalidade de pessoas de honra, e com a cordialidade de bons e antigos amigos, Casta e sua mãe, com o auxilio da snr^a. Estephania, pozeram a meza, e serviram uma cêa tão saborosa como substancial, e limpa e dedicadamente arranjada. João correu em busca dos vinhos, em quanto os dous velhos conversavam e fumavam, sentados a uma banca de carvalho, ao pé da lazeira.

Por fim, sentaram-se todos á mesa; porém, os que realmente attenderam á cêa, foram os snrs. Francisco e Simão, pois Casta e João não cessavam de fallar da sua futura felicidade, no auge da maior alegria; e as snr^{as}. Agostinha e Estephania estavam embasbacadas, contemplando seus filhos.

Estavam á sobremesa, quando bateram á porta da rua; e *Pomba*, enorme cadella rafeira, creada desde pequenina em casa de Simão, começou a grunhir surdamente, abandonando logo a sua bem provida grande gamella de pão e ossos.

— Adiante, disse o snr. Simão: vamos, *Pomba*, crescentou, afagando com a mão o lombo da cadella; vamos, cala-te e cêa!

Abriu-se então a porta, e entrou na cozinha Thomaz, e ainda bem a *Pomba* o não tinha visto, arremetteu contra elle, como uma fera.

